

Perspectivas da caminhabilidade em territórios educativos na Ilha do Governador, Rio de Janeiro*

Giselle Cerise Gerson

Paulo Afonso Rheingantz

107

Resumo

As disputas territoriais nas grandes cidades brasileiras se apoiam na desigualdade social, prejudicando principalmente as crianças, pois elas têm o acesso à rede de oportunidades educativas comprometido. Nesse contexto, o livre caminhar e as experiências urbanas das crianças, no percurso entre a casa e a escola, contribuem para: a) enfatizar a escuta sensível com as crianças; e b) analisar a influência da caminhabilidade na leitura do território educativo pela comunidade escolar. A estratégia investigativa é a abordagem experiencial realizada com os multimétodos de coleta de dados, tendo como objeto de estudo as vizinhanças das escolas públicas na Ilha do Governador, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados evidenciam: a importância do caminhar autônomo e criativo para o empoderamento infantil e a sua formação cidadã; a contribuição dos docentes na leitura das oportunidades educativas; e os percursos das crianças pela cidade como modos de resistência e de contribuição à redução do adultocentrismo na sociedade.

Palavras-chave: territórios educativos; infância e cidadania; desigualdades urbanas.

* Este artigo é parte da tese de doutorado de Gerson (2021a), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Proarq) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizada no período de 2017-2021, com apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Abstract

Perspectives on the walkability in educational territories of Ilha do Governador, Rio de Janeiro

Territorial disputes in the largest Brazilian cities are anchored in social inequality, being children the most affected, due to the access to the network of educational opportunities being jeopardized. In this context, children's urban experiences on the journey between home and school contribute to: a) emphasize sensitive listening with children; and b) analyze the influence of walkability in the reading of the educational territory by the school community. A experiential approach was used as our investigative strategy, with multi-method data collection, and having as an object of study the neighborhoods of public schools on the Ilha do Governador – Rio de Janeiro/RJ. Results denote: the importance of autonomous and creative walking for children's empowerment and their citizenship education; the contribution of teachers in understanding educational opportunities; and the pathways of children through the city as forms of resistance and contribution to reduce adultcentrism in society.

Keywords: educational territories; childhood and citizenship; urban inequities.

Resumen

Perspectivas sobre la transitabilidad en los territorios educativos en la Ilha do Governador, Rio de Janeiro

Las disputas territoriales en las grandes ciudades brasileñas se basan en la desigualdad social, perjudicando principalmente a los niños, al verse comprometido su acceso a la red de oportunidades educativas. En este contexto, el caminar libre y las experiencias urbanas de los niños, en el recorrido entre casa y escuela, contribuyen para: a) enfatizar la escucha sensible; y b) analizar la influencia de la transitabilidad en la lectura del territorio educativo por parte de la comunidad escolar. La estrategia investigativa es un abordaje experiencial con multimétodos, de recolección de datos, siendo el objeto de estudio la vecindad de las escuelas públicas en la Ilha do Governador (Rio de Janeiro – Brasil). Los resultados resaltan: la importancia del caminar autónomo y creativo para el empoderamiento de los niños y su educación ciudadana; la contribución de los docentes en las oportunidades educativas de lectura; y las rutas de los niños por la ciudad como modos de resistencia y contribución a la reducción del adultocentrismo en la sociedad.

Palabras clave: territorios educativos; infancia y ciudadanía; desigualdades urbanas.

Introdução

Neste artigo, discutimos a habitabilidade em ambientes escolares, mediante observação de cenários desafiadores às crianças que vivenciam os contextos urbanos das grandes cidades brasileiras. Ressaltamos que as apropriações dos entornos escolares, a exemplo das edificações e do espaço intralote, deveriam proporcionar segurança, acolhimento e bem-estar à comunidade escolar, considerando os potenciais educativos, recreativos e sociais dos espaços livres públicos. Contudo, os efeitos das desigualdades socioespaciais nesses ambientes são latentes e precisam de maior atenção dos gestores públicos e escolares.

Destacamos que as relações entre a vizinhança da escola e as crianças, facilitadas pelos percursos entre a casa e a escola, são aspectos que podem contribuir ou prejudicar a habitabilidade nesses ambientes. Além disso, as experiências urbanas nos espaços livres públicos podem influenciar o modo de desenvolvimento das habilidades sociais nas disputas por espaço, afetando os campos de brincadeiras, socializações e caminhabilidade.¹

Desse modo, recorreremos aos entendimentos da Sociologia da Educação quanto à compreensão das desigualdades urbanas nas oportunidades escolares (Alves; Lange; Bonamino, 2010); à Sociologia da Infância, sobre os efeitos do adultocentrismo nas limitações das experiências urbanas das crianças (Sarmiento, 2005, 2008; Qvortrup, 2014); à Pedagogia, no que diz respeito à importância do aprendizado fora dos muros da escola na formação cidadã (Alderoqui, 2003; Freire, [1996] 2006; Gadotti, 2006; Moll, 2008).

A presente pesquisa aborda questões relativas à rede escolar municipal do Rio de Janeiro – uma das maiores da América Latina –, com cerca de 1.600 unidades escolares, distribuídas em 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Nesse cenário, a Ilha do Governador, na Zona Norte da cidade, é a área de recorte e pertence a 11ª CRE, apresentando um total de 43 unidades escolares – 10 creches e escolas de educação infantil e 33 escolas de ensino fundamental.

Nessa conjuntura, nosso objetivo é compreender os aspectos que sensibilizam as crianças e os demais agentes da comunidade escolar (professores, funcionários, diretores e responsáveis), invisibilizados pelas políticas públicas, mas que precisam ser incluídos nos processos de leitura da cidade e na construção de novos cenários. Procuramos identificar os problemas e potenciais dos ambientes vivenciados ao longo dos percursos que as crianças (de 6 a 12 anos de idade) realizam entre a casa delas e as escolas, somados à visão dos pesquisadores e à percepção da comunidade escolar, na leitura do território educativo, é “um espaço ativo e dinâmico, construído social e tecnologicamente, formado por humanos e não humanos, capaz de gerar efeitos educativos e influenciar ações, que não é pré-determinado ou limitado aos muros da escola (...)” (Azevedo; Rheingantz; Costa, 2016, p. 23). Nesta pesquisa, consideramos que cada escola pode estar inserida em um território a ser explorado, com potencial educativo; contudo, este pode abranger outras escolas.

¹ A caminhabilidade refere-se ao deslocamento dos indivíduos nas cidades.

No primeiro recorte de análise, exploramos os dados obtidos no *Mapeamento afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro*,² fruto de parceria entre os grupos de pesquisa Ambiente Educação (GAE), Lugares e Paisagens (ProLUGAR), Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL-RJ), e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Mapeamento..., [2020]). Essa atividade investigou a percepção e os desejos das crianças ao longo dos deslocamentos entre a casa e a escola, apresentada como “visão das crianças”.

Num segundo momento, como estudo de caso, selecionamos uma das escolas participantes do *Mapeamento* para a realização de derivas e observações do cotidiano escolar, apresentadas à frente como “visão dos pesquisadores”.

Como etapa final, a *experiência remota* possibilitou a interlocução por meio de aplicações de questionários virtuais, resultando na “visão dos agentes da comunidade escolar”.

Entendemos a relevância da pesquisa para a sociedade, no sentido de sensibilizar sobre a importância da vizinhança escolar na habitabilidade do território educativo, expandindo as políticas públicas para além dos investimentos nas edificações escolares, incluindo seus entornos. E, ainda, como contribuição ao meio acadêmico quanto aos mecanismos de interlocução com os usuários dos ambientes investigados, compreendendo o processo da cartografia social como modo de reunião e articulação das diferentes imagens territoriais, tão importante nos processos participativos.

1 A Ilha do Governador e seus territórios educativos

A pesquisa teve como área de investigação a Ilha do Governador, situada na Baía de Guanabara, na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro (Figura 1). A exemplo das demais áreas da cidade, com disputas territoriais de diversos agentes, segue o “modelo carioca de segregação residencial”, o qual, segundo Alves, Lange e Bonamino (2010, p. 70), é o que ocorre nas grandes cidades brasileiras de “organização espacial em que a diferenciação das classes sociais é traduzida por separações físicas e simbólicas [que podem demonstrar] diferenças de atributos, de recursos, de poder e de *status*, que se constituem nas bases materiais da formação de categorias sociais, que tendem a buscar localizações específicas na cidade, criando a divisão social do território”. Entretanto, os autores destacam que, no Rio de Janeiro, o modelo se expressa pela presença de favelas localizadas em bairros nobres e, em contrapartida, de regiões com maior desenvolvimento nas regiões de baixos índices de desenvolvimento social. Portanto, na Ilha, as favelas, os condomínios fechados e o casario de alto padrão construtivo evidenciam os contrastes socioeconômicos nos contextos escolares.

² A atividade foi desenvolvida em 2020 e teve a adesão de 30 escolas municipais da 11ª CRE. Contudo, dessas, filtramos os dados de 23, as quais tinham estudantes com a faixa etária delimitada na pesquisa e haviam executado os procedimentos esperados.

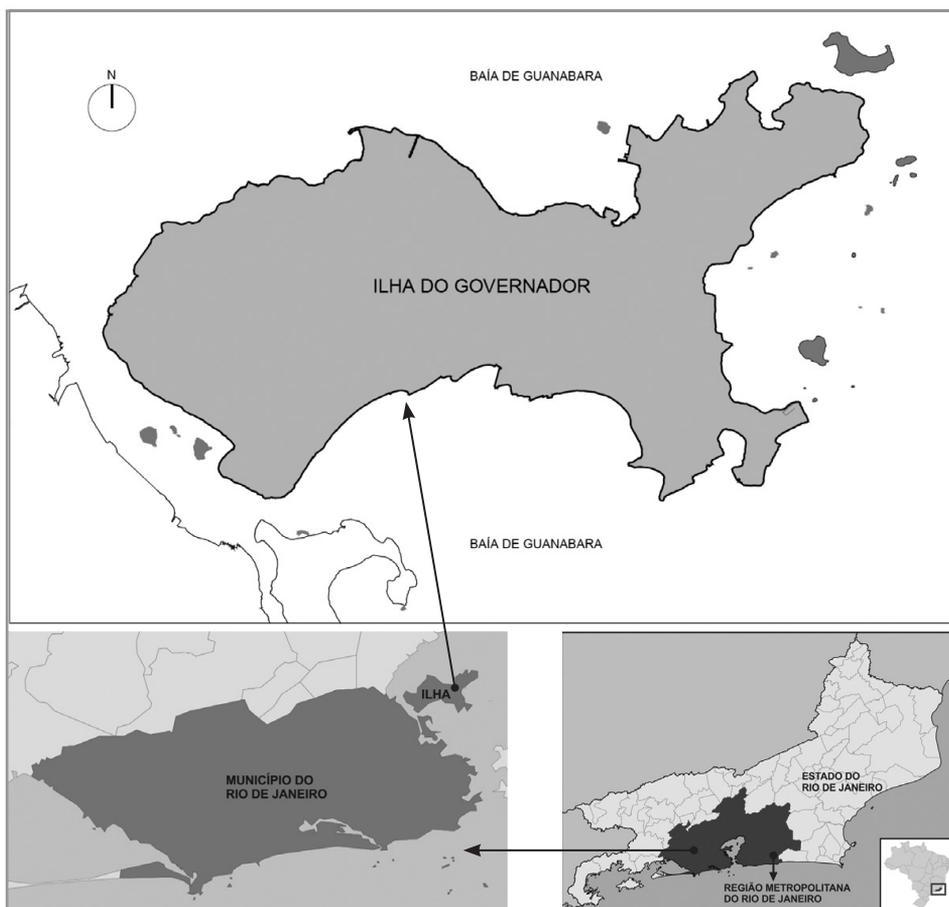


Figura 1 – Localização da área de análise

Fonte: Gerson (2021a, p. 27).

A população da Ilha é estimada em 216.256 habitantes (IBGE, 2012), distribuída por 14 bairros, com concentração nos da Portuguesa, Tauá e Pitangueiras (áreas com assentamentos precários). O uso do solo é predominantemente residencial, mas há usos recreativos e para fins esportivos, que influenciam na configuração física e na paisagem urbana.

Se por um lado, praias, maciços, rio, mangue e outros espaços livres apresentam potencial ambiental e paisagístico para a região, ao longo do seu crescimento, a área tem enfrentado práticas que a degradam e comprometem seus potenciais. Por outro lado, a Ilha também abriga praças nas proximidades das escolas, contribuindo para o bem-estar, o lazer e a recreação das crianças.

2 A infância e o habitar nas vizinhanças escolares

A maior conexão entre as pessoas e o ambiente que elas experienciam, bem como a afetividade com o local e seus habitantes, é um dos entendimentos do termo *habitar*. Em meio às possibilidades de explorações do ambiente e desenvolvimento de territorializações das cidades, a escola e seu entorno podem se tornar fortes

ativadores urbanos, principalmente, em relação aos deslocamentos peatonais (de pedestres) das crianças entre suas casas e escolas (Gerson, 2021a).

Na sociedade contemporânea, os adultos buscam a proteção das crianças perante os males urbanos – violência, criminalidade, poluição, acidentes, conflitos psicológicos, entre outros –, afastando-as da vida pública. Contudo, isso prejudica a interação e o aprendizado coletivo, além de restringir as explorações das habilidades socioafetivas. Para Sarmiento (2008, p. 22-23), esse ato reflete o adultocentrismo da sociedade, sendo expresso pela “transmissão de normas, valores, ideias e crenças sociais dos adultos às gerações mais jovens”, mas as ações das crianças que ressignificam suas relações com os ambientes são como “modo de resistência” num processo de “socialização horizontal”. Alinhado a esse entendimento, Qvortrup (2014, p. 38) alerta para a institucionalização da infância, pois “significa manter as crianças escondidas na família, inacessíveis aos olhos do público”.

Nesse sentido, de modo geral, nas escolas públicas brasileiras, há uma desconexão entre o cotidiano escolar intramuros e o vivido fora desse ambiente, evidenciada nos contrastes entre o modo limitado de utilização dos espaços livres nos ambientes extramuros, isto é, nos espaços livres das suas vizinhanças (Gerson, 2021b).

A interação entre o ambiente escolar e o ambiente urbano fortalece a discussão sobre as relações de habitabilidade, expandindo o entendimento sobre o potencial educativo, recreativo e social do habitar das crianças nos espaços livres públicos próximos às suas escolas.

Desigualdades urbanas nos contextos escolares

Em relação aos contextos urbanos com a presença de ocupações que apresentam desigualdades socioespaciais, às suas influências nas vivências do ambiente escolar e às interações sociais com a vizinhança, convém atentarmos para os múltiplos modos de convivência cotidiana. Reconhecendo a singularidade de cada contexto escolar e de seus efeitos nas relações, envolvendo as formas, funções, organizações e estruturas, é provável que as escolas com o mesmo programa possam produzir diferentes relações envolvendo seus entornos urbanos.

Uma escola inserida onde o território é configurado por espaços livres públicos ou privados, visualmente ou fisicamente acessíveis para a comunidade escolar, pode ampliar suas oportunidades educativas para o ambiente extramuros. Em contrapartida, as unidades escolares inseridas nos entornos urbanos carentes desses espaços livres e que restringem suas práticas aos espaços intramuros devem resultar em um enfraquecimento das experiências.

Por essa razão, ressaltamos a necessidade de entender e mapear as marcas da segregação socioespacial na paisagem urbana que afetam os contextos urbanos onde as escolas estão inseridas. Esse processo segregatório pode impactar nas vivências e na qualidade do caminhar das crianças até a escola.

3 Estratégias metodológicas

Compreender o papel do “adulto-arquiteto-pesquisador” nas observações das práticas das crianças sobre os lugares que elas vivenciam tornou-se um desafio sobre o desejo de evitar a prevalência de uma abordagem adultocêntrica. Devido à necessidade de sair da posição de observadores imparciais ou distanciados – que não costumam contestar suas descobertas – e ao interesse em explorar uma experiência ambiental incorporada, foi aplicada a “abordagem experiencial – AE” (Rheingantz *et al.*, 2009).

A abordagem experiencial foi “inspirada na cognição atuacionista” (Varela; Thompson; Rosch, 2003), que não trata o ambiente como “uma ‘realidade’ externa ao observador e possuidora de um conjunto de atributos previamente estabelecidos”, mas descreve e valoriza as sensações e emoções do observador no ambiente, ao mesmo tempo que busca “caracterizar as observações que se produzem nas interações pessoa-ambiente” (Rheingantz, 2023, p. 2). Em alinhamento com a deriva natural, que favorece a imersão sensorial no ambiente, desenvolvendo leitura mais espontânea e pode ser compreendida como “um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias” (Maturana, 2001, p. 80). Nesta pesquisa, foram trabalhados, complementarmente, o registro em diário de campo e o fotográfico, possibilitando uma transformação do processo de imersão e condução da pesquisa de campo. A fim de aprofundar o diálogo com os diferentes agentes,³ utilizamos a cartografia como um dos métodos, partindo da compreensão de que o processo é mais importante que o produto e que os dispositivos empregados para diálogos com os agentes configuram-se como uma forma de escuta deles e de fortalecimento de seu protagonismo como atores políticos (Kastrup, 2015).

Assim, em uma escala mais abrangente, relativa ao território da Ilha, consideramos as características socioeconômicas e populacionais. Posteriormente, com base nos dados do *Mapeamento afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro*, exploramos os resultados dos 429 questionários, de estudantes entre o 1º e o 8º anos, provenientes de 23 escolas municipais de ensino fundamental, que foram tabulados e analisados, mediante a identificação das principais categorias de análise, utilizando o método de análise de conteúdo (Bardin, 1977). As questões foram:

- 1 Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê e sente durante esse percurso; e
- 2 Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso.

³ Os roteiros das perguntas foram submetidos e aprovados pelos Comitês de Ética da Plataforma Brasil (Parecer nº 3.801.865) e pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Processo nº 07/003.873/2020). Os questionários aplicados a professores, funcionários, diretores e responsáveis pelas crianças foram disponibilizados em plataforma virtual, devido aos cuidados sanitários em período de pandemia de covid-19.

Na segunda escala, foi selecionado um recorte urbano mais próximo da escola, localizada no bairro Pitangueiras, sendo mapeadas e fotografadas cenas urbanas obtidas mediante derivas e observações nos espaços públicos livres. Por fim, na experiência remota, foram aplicados questionários virtuais para os professores e diretores de 10 escolas, incluindo o estudo de caso. Entre essas escolas, algumas também tinham participado do *Mapeamento afetivo*. Quanto à participação dos funcionários e responsáveis pelas crianças, os respondentes são da escola à qual se aplicou o estudo de caso, visto os contatos até então estabelecidos. A Figura 2 mostra a localização das escolas municipais e a participação delas nos momentos da pesquisa de campo.⁴

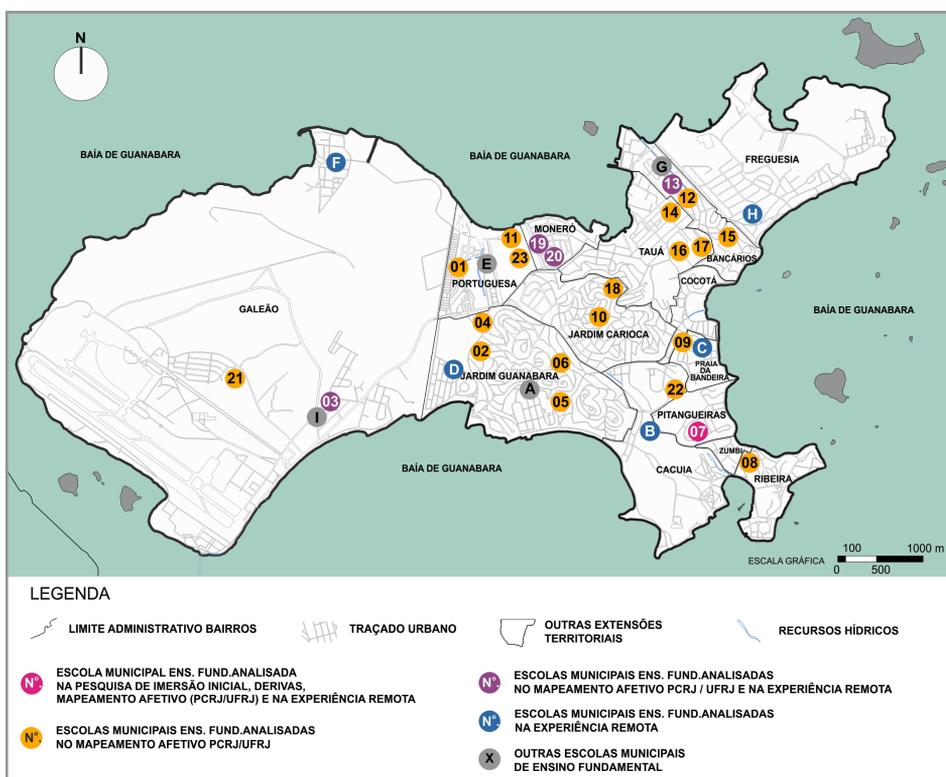


Figura 2 – Mapa de localização das escolas municipais e participação na pesquisa de campo

Fonte: Gerson (2021a, p. 153).

4 Resultados

A abordagem experiencial parte do entendimento da inseparabilidade do ambiente-ação e do corpo-mente na investigação dos processos de adaptação e ressignificação dos lugares por seus habitantes. Em vista disso, a expressão da

⁴ Devido ao interesse em manter o nome das escolas em privacidade, codificamos com números (escolas analisadas com dados do mapeamento afetivo) e letras (as que não participaram do mapeamento afetivo). Além disso, relacionamos cores para identificar momentos diferentes da pesquisa de campo.

emoção é fundamental nos relatos das vivências e pode ser entendida como propulsora de experiência incorporada num ambiente (Maturana, 2001).

A seguir, apresentamos uma síntese das visões das crianças, dos pesquisadores e dos agentes da comunidade escolar, a fim de obtermos um panorama sobre as marcas das desigualdades socioambientais nas vizinhanças escolares, assim como a identificação de brechas para seu enfrentamento.

Visão das crianças

Os relatos das crianças evidenciam marcas da segregação e da desigualdade socioespacial como elementos estruturadores da Ilha do Governador, com previsíveis impactos na educação e na formação cidadã. Dos aspectos mais listados como problemas e que podem estar associados a expressões da segregação residencial e desigualdades urbanas na região, destacamos a infraestrutura urbana, a segurança e os aspectos sociais, culturais e econômicos.

A presença do acúmulo de lixo nas calçadas da vizinhança escolar dificulta a fluidez das crianças, configurando-se como foco de poluição ambiental e impactando negativamente a sensorialidade e a percepção ao longo do percurso. A má qualidade da pavimentação também foi mencionada como um aspecto negativo. Entretanto, como aspecto positivo, destacamos a arborização, que confere um contato maior com a natureza. Observamos pelos relatos que as crianças compreendem os problemas urbanos e, de modo objetivo, conseguem apontar possíveis resoluções deles. Baseados nisso, ressaltamos a importância das crianças como sujeitos políticos que podem e devem ser incluídos no planejamento da cidade (Alderoqui, 2003; Moll, 2008).

Na Figura 3, é possível observar a compreensão de uma criança do 5º ano sobre a infraestrutura ao longo do seu caminho, no qual identificou os problemas e a proposição de melhorias. Na sequência, a síntese da espacialização da percepção do lixo nos percursos das crianças na Ilha do Governador (Figura 4), apontando a concentração nos entornos de escolas nos bairros Jardim Carioca, Tauá, Portuguesa e Bancários.

É importante esclarecermos que as crianças, nos relatos, não se referem apenas ao bairro onde a escola está localizada, mas aos bairros que elas também atravessam.

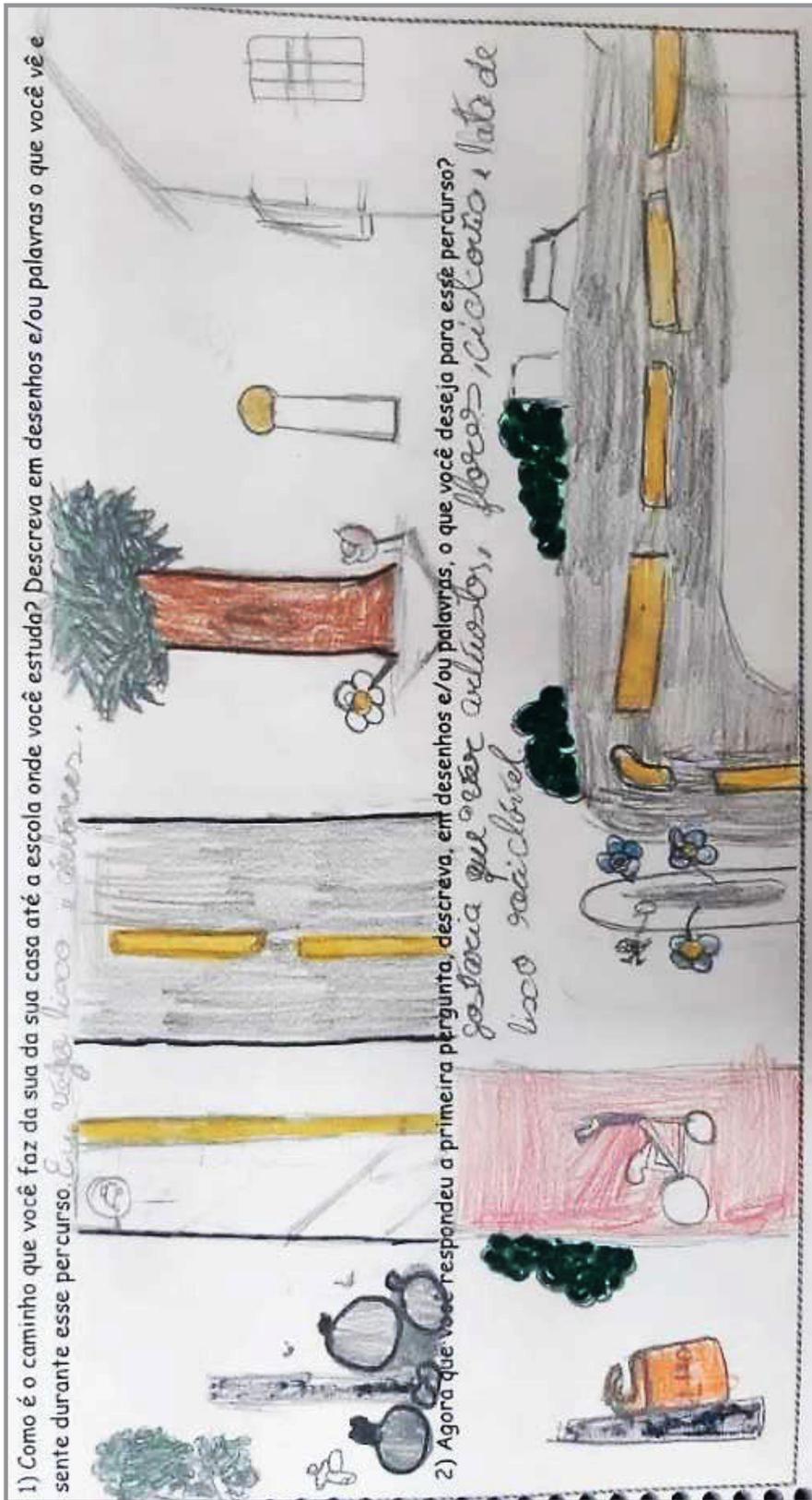


Figura 3 – Percepção e desejo no caminho casa-escola de estudante do 5º ano (EM-9)

Fonte: Gerson (2021a, p. 185).

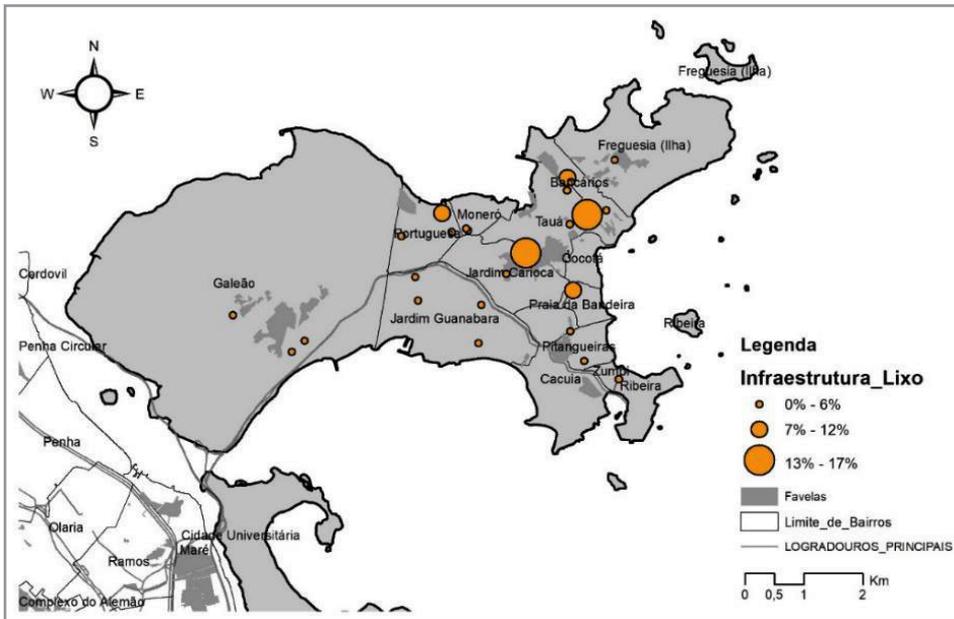


Figura 4 – Percepção das crianças sobre o lixo no caminho

Fonte: Gerson (2021a, p. 186) com base nos dados do *Mapeamento afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro* (2020).

Embora não tão expressivamente quanto em outras áreas do Rio de Janeiro, um grande problema social citado pelas crianças, refere-se à presença de pessoas armadas e à existência de pontos de vendas de drogas e armas nos percursos delas, o que provoca sensação de medo e tristeza.

Na construção de cenários prospectivos, considerando os desejos das crianças por melhorias, foram apontadas demandas por mais segurança, enfatizando a importância do comprometimento da vizinhança das escolas com os problemas sociais e propondo possibilidades para a reinserção social (equipamentos, oportunidades de empregos e melhorias da infraestrutura urbana).

De modo geral, na Ilha do Governador, foram observados os relatos das crianças sobre o caminho entre a casa e a escola como uma experiência positiva, quando proporciona o convívio social, as relações de amizade e as práticas de solidariedade. Contudo, sobre a observação nas ruas, houve relatos de conflitos sociais, como brigas e preconceitos da vizinhança e de outros estudantes, racismo, assédio sexual e *bullying*. Esses conflitos mencionados como ameaças por algumas crianças, gerando medo e desconforto, são problemas que interferem na habitabilidade das vizinhanças escolares.

Visão dos pesquisadores

As visitas exploratórias pela área de investigação ocorreram mediante derivas naturais ao redor da escola implantada em contexto urbano de contraste socioespacial, possibilitando compreender os principais aspectos positivos e negativos dos espaços públicos livres. O recorte urbano se localiza no bairro Pitangueiras e foi delimitado

a partir da área habitada pela maioria dos estudantes da escola – comunidade *Boogie Woogie* – e o Morro do Zumbi (trecho nobre do bairro e onde fica a escola). A Figura 5 indica os percursos feitos nesse recorte.

A deriva de nº 1 (tracejado branco) começou do cruzamento entre vias de grande movimento, prolongando-se em direção à escola no Morro do Zumbi, passando por vias largas e casas de alto padrão construtivo. Na deriva de nº 2 (tracejado preto), o percurso começou na lateral da comunidade *Boogie Woogie*, o que possibilitou melhor compreensão do local em que os estudantes moram e a observação do contraste com o lugar onde está localizada a escola, tanto em relação aos tipos construtivos, quanto à quantidade de espaços públicos. A comunidade se configura como um local denso, com poucos espaços públicos livres e vias estreitas que reúnem diversas funções: circulação de pedestres, veículos, área de exposição de mercadorias e propagandas, lazer e convívio social.

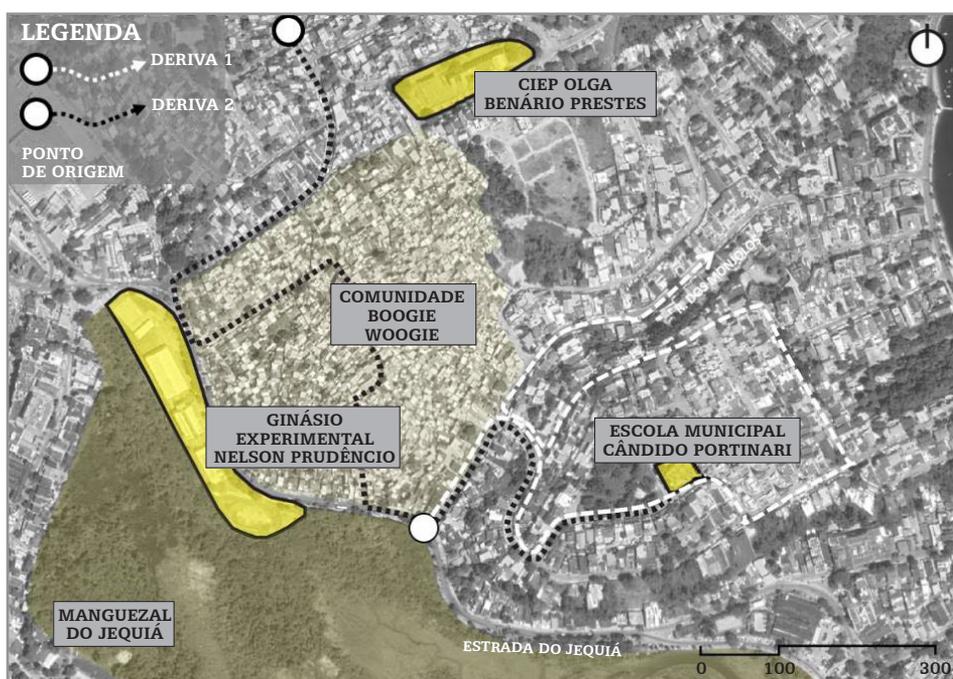


Figura 5 – Traçado dos percursos realizados em Pitangueiras nas proximidades da escola analisada (EM-07)

Fonte: Gerson (2021a).

A experiência possibilitou observar que, na comunidade analisada, as crianças não dispõem de espaços livres suficientes para as interações e brincadeiras, mas, ao mesmo tempo, convivem e circulam por vias com forte dinâmica social – aspecto importante para a sua formação cidadã. Por outro lado, nos espaços livres do morro onde a escola está localizada, as experiências urbanas das crianças ocorrem na chegada e saída do equipamento,⁵ através de vias amplas, porém quase desertas de pessoas. Nestas, destacamos alguns fatores que podem contribuir para a sensação

⁵ Equipamento refere-se aos recursos urbanos que estimulam o aprendizado das crianças nos espaços públicos, por exemplo: escolas, praças, museus.

de insegurança: escassa quantidade de áreas sombreadas, muros altos das casas, precariedade da pavimentação e presença de carros estacionados nas calçadas. Essa dualidade de cenas cotidianas retoma o entendimento da urbanidade como experiência associada às relações sociais e interações pessoas-ambiente (Rheingantz, 2016).

Visão dos agentes da comunidade escolar⁶

Na “experiência remota”⁷ com os demais integrantes da comunidade escolar, buscamos compreender a percepção dos agentes em relação ao ambiente urbano em que a escola está situada, como se dá a convivência com a vizinhança e quais os principais problemas identificados.

Os diretores e professores, ao descreverem as vizinhanças em que suas escolas estão inseridas, apontaram, de modo geral, receios sobre a localização delas, considerando a proximidade com as comunidades que possuem áreas de conflitos armados.

Quando as escolas estão implantadas em áreas de fragilidade socioeconômica, há repercussões dos problemas enfrentados pela vizinhança, como: infraestrutura precária, desordem do espaço público e questões sociais. Outro aspecto que impacta a qualidade do habitar do ambiente escolar é o enfrentamento de preconceitos quando essas escolas estão localizadas em bairros com população de renda mais alta. Os conflitos de usos dos equipamentos públicos nos limites da escola podem apontar falta de valorização e reconhecimento pela vizinhança sobre sua importância social, como pichações, vandalismos em geral, acúmulos de lixo, presença de veículos nas calçadas e falta de respeito com os estudantes nas travessias das vias.

Desse modo, as respostas dos professores e diretores revelaram preocupação em mensurar o incômodo que a comunidade gera ou não à escola, mas não mencionaram as trocas de experiências. Esse aspecto deve receber atenção dos gestores municipais e escolares, visto que pode evidenciar desconexão escola-cidade e possível ausência de interesse, ou de estímulo, em viabilizar a troca entre os saberes populares e pedagógicos – questões que devem ser aprofundadas e debatidas com a comunidade escolar, a fim de encontrar soluções para os conflitos entre os envolvidos.

Considerações finais

Retomando a importância da cartografia no processo de reconhecimento e valorização dos agentes da comunidade escolar como peças-chave na gestão do território, ressaltamos que os questionários contribuíram para o estímulo à reflexão crítica dos participantes sobre os potenciais educacionais fora das escolas.

⁶ Foram consultados diretores (8) e docentes (10) de 10 escolas, além de funcionários (4) e responsáveis pelos estudantes (20) da escola 07 (onde se realizou o estudo de caso).

⁷ A pesquisa remota ocorreu entre março e abril de 2021, abordando questões sobre: perfil dos participantes; atividades desenvolvidas na pandemia; entendimentos sobre comunidade escolar; relações e percepções sobre a vizinhança escolar; atividades extramuros; e percurso casa-escola. Desses itens, focamos, aqui, sobre a vizinhança escolar.

Ao longo da pesquisa de campo, observamos, nas respostas das crianças, os conhecimentos acerca dos lugares habitados, expressos em posicionamentos e reflexões críticas, sensíveis e engajadas, sobre situações cotidianas.

A partir da cartografia sobre as percepções dos problemas e das potencialidades dos caminhos entre a casa e a escola, observamos novas nuances sobre o território educativo. A diversidade de imagens territoriais dos agentes da comunidade escolar mostrou a relevância da vivência e a percepção dos docentes no processo de leitura das possibilidades educativas fora dos muros das escolas, bem como do reconhecimento das dificuldades na articulação escola-cidade. Compreendemos que o destaque das suas vozes contribui para tirá-los da “zona de invisibilidade” nas decisões e nos processos de gestão sobre o território, facilitando o empoderamento nas suas ações no entorno escolar.

Os deslocamentos, principalmente a pé, dos professores e estudantes em ações educativas nas imediações das escolas, explorando os potenciais locais, devem receber maior atenção e incentivo. Nesse caso, a caminhabilidade urbana pode contribuir para a aproximação e superação dos problemas entre a escola e sua vizinhança, fortalecendo a cidadania e as práticas sociais.

Referências bibliográficas

120

ALDEROQUI, S. S. La ciudad: un territorio que educa. *Caderno CRH*, Salvador, n. 38, p. 153-176, jan./jun. 2003.

ALVES, F.; LANGE, W.; BONAMINO, A. A geografia objetiva de oportunidades educacionais na cidade do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. Q. et al. (Org.). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010. p. 67-89.

AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; COSTA, R. N. Educação integral e território educativo: diálogos possíveis em um coletivo complexo. In: AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, V. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). *Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. p. 17-27.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, [1996] 2006. (Coleção Leitura).

GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. *Cadernos Cenpec: pesquisa e ação educacional*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 133-139, maio 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GAE ver Grupo Ambiente-Educação.

GERSON, G. C. *Territórios educativos e infâncias: vivências das crianças nos percursos entre casa e escola*. 2021. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021a. Disponível em: http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/11/TESE_GiselleCeriseGERSON.pdf. Acesso em: 6 jul. 2023.

GERSON, G. C. O habitar da infância na vizinhança escolar e as desigualdades urbanas nos contextos escolares da Ilha do Governador/RJ. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA: INFÂNCIA (AR)RISCADA: POLÍTICA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA(S), 5., 2021, Porto, Portugal. *Anais...* Porto: EventQualia, 2021b. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/80021>. Acesso em: 27 ago. 2023.

GRUPO AMBIENTE-EDUCAÇÃO (GAE); GRUPO SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES-RJ (GSEL-RJ). *Mapeamento afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro: crianças e jovens pensando no futuro da cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Relatório técnico. Disponível em: <http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/05/Relatorio-Mapeamento-Afetivo.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

MAPEAMENTO afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro: *story maps*. [2020]. Publicado online em 27 out. 2021. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/536e22e264234e518a9d9f8891475315>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Organização de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MOLL, J. La ciudad y sus caminos educativos: escuela, calle e itinerarios juveniles. In: BOSCH, E. (Org.) *Educación y vida urbana: 20 años de ciudades educadoras*. Santillana, 2008. p. 216-226.

QVORTRUP, J. Visibilidades das crianças e da infância. Tradução de Bruna Breda. *Linhas críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23-42, jan./abr. 2014.

RHEINGANTZ, P. A. Narrativas ou traduções de urbanidade. In: AGUIAR, D.; NETTO, V. M. (Org.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2012. p. 135-161.

RHEINGANTZ, P. A. Lugares em ação, laboratórios de urbanidade. In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; SZAPIRO, A. M. (Org.). *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 85-115.

RHEINGANTZ, P. A. *Glossário do Grupo de Pesquisa Lugares e Paisagens (ProLUGAR): termos e procedimentos de pesquisa em ação*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/06/Glossario-ProLUGAR-Termos-e-Procedimentos-de-Pesquisa-em-Acao-22jun2023.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.

RHEINGANTZ, P. A. et al. *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa – refletindo em torno de uma proposta de trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 17-40, jan./jul. 2005.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

122

Giselle Cerise Gerson, doutora em Ciências em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Proarq) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professora de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa). Pesquisadora colaboradora nos grupos de pesquisa Ambiente Educação (GAE/UFRJ) e Lugares e Paisagens (ProLUGAR/UFRJ). Lidera o Núcleo de Interações, Diálogos e Observações das Infâncias e Espacialidades (Nido).

gisellecerise@gmail.com

Paulo Afonso Rheingantz, doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado no City and Regional Planning Department, California Polytechnic State University, San Luis Obispo. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ. Lidera o grupo de pesquisa Lugares e Paisagens (ProLUGAR/UFRJ).

parheingantz@gmail.com

Recebido em 13 de março de 2023

Aprovado em 4 de setembro de 2023